

3

Luto e Melancolia: um marco

Para que possamos entender a construção teórica do narcisismo que irá servir de fundamento para a abordagem da melancolia, é necessário que acompanhem os desdobramentos e reformulações teóricas que aconteceram antes de “Luto e Melancolia”, publicado em 1917, e que são pré-condições para sua teoria. Cabe lembrar os conceitos metapsicológicos formulados por Freud para contornar determinados impasses.

Desde a publicação dos “Três Ensaio sobre a teoria da sexualidade” (1905), Freud trabalha com a noção de conflito psíquico resultante de uma tensão estabelecida entre as pulsões sexuais e as pulsões de autoconservação, sendo que a origem das pulsões sexuais está remetida à noção de apoio nas funções vitais, resultado dos cuidados iniciais com o bebê.

No artigo “A concepção psicanalítica da perturbação psicogênica da visão” (1910) as pulsões de autoconservação são denominadas pulsões do Eu que, no conflito, se contrapõem à sexualidade, caracterizando um modelo metapsicológico que balizou a prática psicanalítica nos primeiros anos. Em 1911 Freud escreve “Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental”, onde apresenta o Eu como suporte das pulsões de autoconservação e o divide em dois registros, de acordo com o regime em que funciona: um Eu-prazer e um Eu-realidade, expressos como modalidades de operação egóica, segundo os registros do Princípio do Prazer e do Princípio da Realidade, respectivamente.

Em “A disposição à neurose obsessiva – uma contribuição ao problema da escolha da neurose” (1913), ao se perguntar sobre os aspectos disposicionais na escolha das neuroses, Freud salienta que, nos processos de desenvolvimento, algum acidente de percurso poderá resultar num “ponto de fixação”, para onde o indivíduo pode regredir frente a um obstáculo (Freud, 1913/1969, p.400). A escolha da neurose não dependeria somente da trajetória da libido, mas também do momento da evolução em que o Eu se encontra, fixando-o a uma escolha objetual antes que a função sexual alcance sua forma definitiva, que era considerada a genital. Podemos perceber nesta formulação uma idéia

evolucionista clássica, calcada no postulado da fixação e da regressão que será explorada por Karl Abraham, como veremos mais adiante ao abordarmos suas contribuições, expandindo ainda mais a compreensão do quadro melancólico.

Neste artigo de 1913 Freud relata que determinados sintomas, como a megalomania, o afastamento do mundo dos objetos e a dificuldade de sustentação da transferência, refletiriam fixações e inibições em fases muito primitivas, como o auto-erotismo ou o narcisismo, anteriores, portanto, ao momento em que as escolhas objetais são realizadas (Freud, 1913/1969, p.401). Assim, escreve Freud no relato do caso Schreber:

Pesquisas recentes [referindo-se a Sadger e a si próprio, em 1910] dirigiram nossa atenção para um estágio do desenvolvimento da libido, entre o auto-erotismo e o amor objetal. Este estágio recebeu o nome de narcisismo. O que acontece é o seguinte: chega uma ocasião, no desenvolvimento do indivíduo, em que ele reúne seus instintos sexuais (que até aqui haviam estado empenhados em atividades auto-eróticas) a fim de conseguir um objeto amoroso; e começa por tomar a si próprio, seu próprio corpo, como objeto amoroso, sendo apenas subsequente que passa daí para a escolha de alguma outra pessoa, que não ele mesmo, como objeto (Freud, 1911, p. 82).

O narcisismo, tomado até então como indistinto com relação ao auto-erotismo, passa a ser considerado como uma fase intermediária entre o auto-erotismo e a escolha objetal, separados temporalmente em função dos avanços promovidos pela constituição egóica. O campo que mais suscitou esta reformulação foi a necessidade de elaborar uma teoria das psicoses, que já se delineava incompatível com os postulados teóricos propostos para a histeria.

Nos diversos textos freudianos, ora o narcisismo é tratado como um modo de funcionamento das pulsões, ora como uma fase do desenvolvimento da libido. Na análise do caso Schreber (1911) a formulação a respeito do narcisismo toma vulto, gerando, como consequência, um lugar de destaque na teoria pulsional (Birman, 1991, p.216), passo importante para a futura abordagem teórica da melancolia. Devemos adiantar o que se insinua: a estruturação narcísica é inerente à condição de sujeito, é permanente, enquanto que a melancolia será considerada uma patologia narcísica.

Em uma elaboração que impõe modificações na teoria pulsional estabelecida nos “Três Ensaio sobre a sexualidade infantil” (1905), a formação

de uma imagem unificada do Eu é a operação que promove a unificação das pulsões que, no momento auto-erótico, estão dispersas nas zonas erógenas – é a imagem piloto da futura estruturação do Eu. Essa passagem é por nós destacada porque é o território da formação do Eu Ideal, que será discutida mais adiante e será fundamental para que possamos teorizar uma metapsicologia para a melancolia.

Apenas em “Totem e Tabu” (1913) o narcisismo deixa de ser entendido somente como uma fase da evolução do sujeito para ser formulado como uma estrutura permanente, “que continuaria a existir apesar das reestruturações libidinais posteriores” (Birman, 1991, p.216). Mesmo assim, o narcisismo pode ser entendido como uma fase. Ainda em “Totem e Tabu” (1913/1969, p.111-112) encontramos a importante passagem, onde Freud claramente introduz o que chamou de uma “terceira fase”, que se posiciona entre o auto-erotismo e as escolhas objetais. Freud sublinha que a escolha deste nome se deve à possibilidade de se encontrar, clinicamente, “fixações patológicas dessa nova fase” (Freud, 1913/1969, p.111-112). Acrescenta que “já temos motivos para suspeitar que essa organização narcisista nunca é totalmente abandonada” (Freud, 1913/1969, p.111-112), sendo o protótipo das organizações psicóticas, onde haveria uma retração da libido dos objetos para o Eu.

Certamente, este é o gancho para que, em “Sobre o narcisismo: uma introdução” (1914) apresente uma constituição do Eu. Este não existe desde o início, mas é constituído pela articulação das pulsões auto-eróticas em uma imagem de si mesmo, basicamente corporal, através do que Freud chamou de “uma nova ação psíquica”. Este é o ponto de partida para se rever as implicações teóricas e clínicas da formulação do narcisismo, que nos interessa para pensarmos a melancolia.

Queremos destacar a consequência desta reformulação em torno do conceito de narcisismo, que diz respeito à colocação do Eu no centro do conflito psíquico. As pulsões do Eu tendem a perder lugar, já que o Eu é investido por pulsões eróticas desde o início, e o investimento erótico é condição de sua saúde (Rudge, 2003). Um equilíbrio energético se estabelece, fazendo com que a libido invista os objetos e o próprio Eu, em função das exigências da vida (*Not des Lebens*). Uma nova dualidade é assim formada, entre a libido narcísica e a libido objetal. Freud escreve que “quanto mais uma é empregada, mais a outra se

esvazia”, enquanto que durante o estado (*Phase*) de narcisismo, as duas coexistem (Freud, 1914/1974, p.92). Vale ressaltar que a idéia de uma co-existência garante Freud a manutenção de uma abordagem dualista que sustenta o conflito. O que podemos perceber é que, neste momento, além de elaborar uma concepção de organização narcisista da libido, Freud coloca o Eu como o agente capaz de administrar os investimentos libidinais em relação ao mundo exterior. Neste ponto, ele se pergunta sobre a necessidade de diferenciar uma libido sexual de uma energia não-sexual nas pulsões do Eu. Uma exposição sobre essa delicada passagem exigiria nos estendermos demais nessa questão, mas podemos apontar que, para Freud, não se trata de duas libidos, mas de um investimento original do Eu que se prolonga aos objetos, tomando como metáfora a idéia de uma ameba com seus pseudópodes (Freud, 1914/1974, p.92). Entre o investimento narcísico e o objetal, a maior expressão do desequilíbrio se dá na paixão, quando o investimento é predominante no objeto, e também na fantasia do paranóico, quando toda a libido se retrai para o Eu. O conflito fica deslocado, não mais para naturezas diferentes das pulsões, mas para a balança energética que se estabelece entre os investimentos libidinais.

Posteriormente, em 1920, Freud introduz a formulação da pulsão de morte e o estabelecimento de uma nova forma de conflito na esfera pulsional, entre a pulsão de morte e a pulsão de vida. Nesta última formulação do conflito, tanto as pulsões sexuais como as pulsões de autoconservação são expressões da pulsão de vida, ou Eros.

Por sua importância para a compreensão do mecanismo operatório da melancolia, destacamos alguns aspectos da construção da teoria da libido empreendida por Freud.

De uma forma geral, o Eu é investido por uma certa magnitude de libido quando esse *quantum* de energia atinge um limiar. A partir da concepção de um princípio de constância da libido, quando esta atinge o limiar começa a produção de desprazer. O passo seguinte é a necessidade de descarga, para alívio do desconforto sentido pelo Eu, com o envio de montantes dessa libido para os objetos.⁷ Assim, a libido do Eu e a libido objetal seriam denominadas com referência ao tipo de investimento utilizado. Temos sempre a presença dessas duas

⁷ Podemos conceber a idéia de descarga sem objeto, pensado por Freud como utilizando o modelo do arco reflexo

formas de investimento, porém com predomínio de uma ou de outra, de acordo com o caso em análise.

No verbete “Narcisismo”, do *Vocabulário de Psicanálise* (1986), pode ser lido o seguinte:

No quadro de uma concepção energética que reconhece a permanência de um investimento libidinal do ego, é a uma definição *estrutural* do narcisismo que assim somos levados: o narcisismo já não surge como uma fase evolutiva, mas como uma estase da libido que nenhum investimento objetal permite ultrapassar completamente (Laplanche & Pontalis, 1986, p.365).

Freud faz ainda uma distinção entre os tipos de escolha dos objetos: por apoio ou anaclítica, e narcisista. O primeiro tipo de escolha, por apoio, leva este nome pelo fato de que “os primeiros objetos sexuais de uma criança são as pessoas que se preocupam com sua alimentação, cuidados e proteção” (Freud, 1914/1974, p.194). Os indivíduos que realizam o segundo tipo de escolha, a narcisista, “adotaram como modelo não sua mãe, mas seus eus” (Freud, 1914/1974, p.194), como se buscassem a si mesmo como objeto de amor. A observação desta diferença leva Freud a adotar a destacar o cunho intercambiável do investimento do objeto ou do Eu, colocando o Eu como mais um objeto entre outros. É esta a vertente que Lacan irá desenvolver com seu estágio do espelho.

A idéia de que os seres humanos não podem ser divididos de acordo com sua escolha de objeto, seja ela anaclítica ou narcisista, é então ressaltada. Todos os indivíduos podem fazer as duas escolhas, privilegiando uma ou outra, em qualquer momento de sua vida.

Neste ponto devemos fazer uma ressalva. Ao estudarmos o melancólico, não podemos pensá-lo como um Eu coeso, resultante dos vários Eus históricos do sujeito. Devemos pensar em uma insuficiência constituidora que faz com que o modelo narcísico adotado pelo melancólico tenha por referência um ideal e não um Eu que não pôde ser percebido. Não podemos adotar a fórmula simétrica de um narcisismo como espelho da mãe na melancolia, o que, certamente, vale para a neurose. Houve mãe na experiência especular do melancólico, mas o que foi percebido não foi a si mesmo. Nada foi percebido, ou melhor, nos momentos em que algo se refletiu, o melancólico viu se desvanecer, restando o vazio incontornável de uma representação impossível que pudesse lhe servir de modelo

antecipatório, resultando uma fragilidade identitária que não consegue se sustentar no tempo. Clinicamente, observamos a dificuldade que os melancólicos têm de fazer a narrativa de si mesmos. Os conceitos esboçados neste parágrafo serão desenvolvidos mais adiante e consideramos importante enunciá-los para contextualizar nossa abordagem.

O ponto de vista acima, aliado à idéia de uma estrutura narcísica permanente, significa que os indivíduos podem operar suas escolhas de forma variada. Esta proposição estrutural, além do mais, é fundamental para a formação da questão dos ideais que será o terreno fértil para uma teoria sobre a melancolia.

O Eu é tomado como uma formação psíquica que tem a tarefa de agenciar a interface do psíquico com a realidade. Há vários momentos constitutivos do Eu, e entre eles está a formação de instâncias ideais. No texto “Narcisismo: uma introdução” (1914), o Eu ideal (*Idealich*), alvo do amor de si mesmo, é postulado como prolongamento do Eu real (*wirklich Ich*) que na infância foi vivido como “possuidor de toda perfeição de valor” (Freud, 1914/1974, p.111), daí a dificuldade de se abrir mão deste estado. O crescimento da criança impõe barreiras na forma de exigências. Isto desencadeia o aparecimento de um “juízo crítico” que restringe a experiência primitiva e impulsiona à formação de um ideal, dimensionado para ser o substituto daquele Eu ideal perdido, e é chamado de Ideal do Eu (*Ich Ideal*).

Fazendo uma diferença entre a formação de um ideal (*Ichidealbildung*), que diz respeito ao Eu, e a idealização, que diz respeito ao objeto, Freud situa esta última tanto na esfera da libido do Eu (caso do ideal narcisista) como na libido do objeto (como na paixão avassaladora). Certamente, a formação de um ideal exige do Eu esforços que serão articulados com o recalque. A função de vigiar o Eu, criticando suas intenções, será postulada como universal, existindo “em cada um de nós em nossa vida normal” (Freud, 1914/1974, p.113). A função primordial do Ideal do Eu é a formação de uma consciência moral, que se estabelece na comparação entre os padrões adotados e as exigências narcísicas do sujeito. A consciência moral personifica a exigência dos pais, e posteriormente da sociedade, mantendo-se como um “agente de censura”, forçando o indivíduo a escolhas objetivas substitutivas.

Na melancolia, para destacar sua peculiaridade, encontramos um Eu imperativo que se vigia e se acusa. Esta formação discursiva não tem a capacidade

de uma negociação narcísica e se mostra sem personalismo algum. É ou não é. No melancólico não encontramos um Eu como uma pluralidade de Eus, de uma consciência moral. Temos algo que se transforma num imperativo acusatório de si mesmo, sobre quem se abate o peso do destino. Sobre isto, nos esclarece Lambotte:

... aquém da auto-depreciação tão freqüentemente designada como uma das características essenciais da atitude melancólica, é a questão das origens que a acossa permanentemente, como o desconhecido de uma equação para a qual se tentaria achar variáveis pertinentes ... sob as cores de uma aparente culpabilidade, uma busca das origens jamais reconhecida, nem mesmo simbolicamente, cujas fontes, sob o golpe da fatalidade, caem nas mãos do destino ... designando, ainda assim a impossibilidade que ele sente de viver com os outros e de respeitar com eles os princípios gerais de uma organização social (Lambotte, 1997, p. 157/158).

A importância desses desenvolvimentos teóricos reside na relação desta censura com as auto-recriminações características do melancólico, também presentes na neurose obsessiva e, de uma forma diversa, vindas de fora, como nos delírios de observação da paranóia.

Isto posto, dizemos que o sujeito, a partir da construção de um Eu e de suas instâncias ideais, terá mais recursos para lidar com a realidade da vida, estabelecendo regras básicas mais negociáveis para lidar com a castração. Estas construções terão como referência a idéia de uma plenitude perdida. Portanto, o Ideal do Eu assegura um estado de plenitude a ser alcançado, como uma promessa, como uma construção futura, nunca atingida. O passado, com sua plenitude perdida, será editado num futuro distante, fazendo com que o desamparo seja evitado dentro do campo fantasmático do sujeito. Esta é a promessa constitutiva, definitivamente ausente na melancolia. A verdade deste logro é percebida muito precocemente nesta patologia.

Para um melhor desenvolvimento desta tese, é importante que nos afastemos da idéia de que o melancólico seria aquele sujeito que não soube fazer o luto corretamente. A importância dada tradicionalmente à perda do objeto se desloca para o sentido de uma falha constitutiva que faz com que este lide de uma forma muito própria com as perdas e torne impossível o trabalho do luto tal como proposto por Freud para a neurose. Assim, nos afastamos da possibilidade de

adotar, para a melancolia, a idéia de um modelo desviante, como um acidente de percurso. A melancolia, mais que uma patologia clinicamente identificável, é uma forma de se colocar no mundo e este será o pensamento que embasará os desdobramentos feitos nesta tese. Como diz Pinheiro:

...construímos o edifício narcísico para podermos um dia aceitar a castração [...] a ilusão ou a capacidade de se iludir, a montagem fantasmática, a possibilidade de se representar no futuro, a construção imaginária de um passado sem fenda ou falhas, que podem fazer frente ao desamparo, essa miragem de completude que funciona como colchão nas horas amargas da neurose. Esses recursos complexos e sofisticados dessa montagem plural de eus parecem fracassar na melancolia (1999, p.32).

Aplicando o conceito de narcisismo de 1914 à psicopatologia, em especial no caso Schreber, em contraposição à Psiquiatria, Freud formula a idéia de que a megalomania é uma das roupagens do narcisismo. Um breve artigo comemorativo chamado “Sobre a Transitoriedade”, encomendado pela Sociedade Goethe de Berlin e escrito em novembro de 1915, contém uma formulação sobre o luto que é ampliada por uma exposição mais detalhada em “Luto e Melancolia”, escrito antes, mas somente publicado em 1917. De uma forma poética, Freud fala do luto como um processo em que “a libido se apega aos seus objetos e não renuncia àqueles que se perderam, mesmo quando um substituto se acha bem à mão. Assim é o luto” (Freud, 1915/1974, p.347). Por mais dolorosa que seja esta perda, o trabalho do luto chega a um “fim espontâneo”, apesar do período em que “consumiu-se a si próprio” (Freud, 1915/1974, p.347), final que implica a liberação da libido para investir em novos objetos substitutivos.

Nesta breve passagem estão contidas as diferenças apontadas anteriormente, quais sejam: a diferença entre libido narcísica e libido objetal, e o tipo de investimento utilizado, seja anaclítico (ou de apoio) ou narcísico, elementos essenciais para que possamos entender as formulações de 1915, onde a melancolia ganha um estatuto estrutural com mecanismo e funcionamento psíquico próprios. Voltemos ao texto metapsicológico.

Freud retoma a tentativa de separar o luto da melancolia, empreendida em seu texto acerca do suicídio, em 1910, no qual considera o entendimento do suicídio como insolúvel.

Os conceitos de narcisismo e de Ideal do Eu em associação com a atividade da consciência crítica, teorizada anteriormente, no caso Schreber lhe permitem uma retomada. Mais uma vez, Freud utiliza o exemplo do sono como protótipo das perturbações narcisistas da vida normal e o compara ao luto, com a finalidade de um maior entendimento da melancolia.

Aqui surge uma questão que será elucidada com a formulação de uma segunda tópica para o aparelho psíquico. O narcisismo, entre 1910 e 1915, é apresentado como um estágio intermediário entre o auto-erotismo e o amor objetual que coincide com a unificação das pulsões sexuais. O corpo unificado é tomado como objeto de amor. Já na segunda tópica, o narcisismo está relacionado a um momento mítico, anterior à constituição do Eu, que tem na vida intra-uterina seu exemplo clássico. Assim, essa distinção entre auto-erotismo e narcisismo desaparece dos escritos freudianos com a introdução de uma nova nomenclatura. Esta diz respeito ao entendimento do narcisismo primário como pertencente a este momento inicial da vida e diferenciado do narcisismo secundário, que resulta de um refluxo da libido dos objetos para o Eu.

Para melhor nos situarmos neste ponto da nomeação dos narcisismos, optamos por considerar o mítico, oceânico, como narcisismo originário. Reservamos o termo narcisismo primário para nos referir ao momento de unificação das pulsões dispersas, e narcisismo secundário para designar o refluxo para o Eu, da libido anteriormente localizada nos objetos.

No contexto de 1915, em “Luto e Melancolia”, devemos seguir passo-a-passo o raciocínio de Freud. Existem traços comuns entre o luto e a melancolia, que podemos enumerar: uma condição dolorosa ligada à perda de algo ou alguém; a perda de interesse no mundo exterior; a perda da capacidade de amar; e uma inibição geral das funções egóicas. Freud diz que, em algumas pessoas, este estado psíquico termina, ao passo que outras desenvolvem a melancolia. A conclusão é que nos casos de melancolia está em jogo uma “disposição patológica” (Freud, 1917/1974, p. 275) para o desenvolvimento desta afecção. Na ausência desta disposição, findo o trabalho de enlutamento, o Eu se torna novamente disponível para novos investimentos objetais. Temos então, uma perda datada e reconhecida que, depois, quando a libido se descola, leva o sujeito a novas escolhas objetais. Na melancolia, a perda pode não ser identificada. Esta referência à impossibilidade do melancólico reconhecer aquilo que foi perdido é

destacada como a característica principal. Serve também para diferenciar o que ocorre nesta afecção do que ocorre em outras, onde o luto termina. Esta formulação deve ser enfatizada, posto que é a base de conseqüências clínicas importantes: o paciente tem consciência do que ou de quem perdeu, mas “não o que perdeu nesse alguém” (Freud, 1917/1974, p.279). Por isso esta reação à perda ganha um caráter diferente, não sendo atribuída ao objeto em si, mas a algo de “natureza mais ideal” (Freud, 1917/1974, p.278). Neste sentido, ficam equiparadas as perdas de pessoas, de ideais, ou mesmo de uma situação privilegiada.

Portanto, insistimos que qualquer metapsicologia proposta para a melancolia não deve se apoiar na perda do objeto, já que podemos antever que o objeto é problemático por não ter se constituído sob a égide da polissemia e da metaforização. Assim, o objeto fica sendo o que é, sem representar nada além dele mesmo, isto é, apreendido como tendo uma só significação, sem possibilidade de deslizamentos metaforizantes, tomado em sua totalidade e não no que parece ser. Para ressaltar a problemática melancólica, o modelo neurótico pode ser útil. Lambotte escreve:

...à diferença do sujeito histérico freqüentado pelos fantasmas às expensas da realidade efetiva (*Wirklichkeit*), o sujeito melancólico tende, ao contrário, a congelar a realidade de tal forma que ela possa corresponder exclusivamente à lógica de suas deduções... Nada pode acontecer que desvie a trama de sua história prevista desde sempre, e o tempo se anula na repetição indeterminada dos mesmos impasses (Lambotte, 1997, p. 173)

O sofrimento do melancólico caracteriza-se por uma importante perda de auto-estima (*Selbstgefühl*) e um empobrecimento das funções egóicas, ambos oriundos de um estado de absorção permanente. Freud escreve de forma emblemática: “No luto, é o mundo que se torna vazio; na melancolia, é o próprio ego” (Freud, 1917/1974, p.279).

O resultado discursivo deste processo é a acentuação desmedida de uma autocrítica, que se estenderá a todas as áreas da vida do melancólico. Ele faz acusações a si mesmo de forma implacável, que podem resultar em insônia e recusa alimentar. Freud, porém, dá importância secundária a esses sintomas, voltando-se para o que considera importante na melancolia, que é “um trabalho interno que consome o ego” (Freud, 1917/1974, p.278).

No decorrer de sua investigação, interroga-se a respeito da falta de pudor e comisseração nas referências que o melancólico faz a seu próprio respeito, revelando que se passa algo diferente do que esperaríamos das pessoas normais. Conclui que não se trata de uma perda objetal, mas de uma perda relativa ao próprio Eu.

Uma parte do Eu volta-se contra si mesmo, julgando-o criticamente, tomando-o por objeto alvo dessas recriminações. Carone (1992, p.131) dá uma importante indicação ao considerar as palavras utilizadas por Freud para descrever o quadro clínico: auto-recriminação (*Selbstvorwurf*), auto-insulto (*Selbstbeschimpfung*), autocrítica (*Selbstkritik*), autodepreciação (*Selbstberabsetzung*), auto-avaliação (*Selbsteinschätzung*), auto-acusação (*Selbstanklage*), autotormento (*Selbstquälerei*), autopunição (*Selbstbestrafung*) e auto-assassinato (*Selbstmord*). A autora ressalta que todos estes termos denotam operações psíquicas que retornam à própria pessoa nos moldes do destino dado às pulsões em “Pulsões e seus destinos” (1915).

Em outras palavras, entendemos que “se punir”, no caso do melancólico, denota um mecanismo inconsciente que resulta em uma forma desconsiderada e violenta de se tratar, o que mais tarde será teorizado por Freud como efeito da pulsão de morte. O que caracteriza esta particularidade do melancólico é o desconhecimento do que perdeu junto com o objeto sobre o qual se exerce a punição. Não é punir a si mesmo como objeto, mas punir o objeto que ele não sabe estar em si mesmo.

A razão de destacar este aspecto é que, tanto nos remete a pensar os mecanismos envolvidos na constituição da melancolia como muito primitivos, anteriores ao estabelecimento do recalque edipiano como destino pulsional, como designam atitudes do Eu contra si mesmo, embora se queira atacar um objeto que é pensado como existindo no exterior.

Pelos motivos citados acima, Freud considera que a característica mais marcante ao longo da vida do melancólico é a insatisfação do Eu consigo mesmo, traduzida clinicamente como um acirramento da consciência moral (*Gewissen*) que, junto com a censura da consciência (*Bewusstseinszensur*) e o teste de realidade (*Realitätsprüfung*), constituem o que chamou de instituições do Eu (Freud, 1917/1974, p.265; 280). Escreve Freud:

O paciente representa seu ego para nós como sendo desprovido de valor, incapaz de qualquer realização e moralmente desprezível; ele se repreende e se envilece, esperando ser expulso e punido. Degrada-se perante todos, e sente comiseração por seus próprios parentes estarem ligados a uma pessoa tão desprezível (1917/1974, p.278).

Uma outra diferença desponta comparando-se o luto neurótico com o da melancolia. Há algo mais em torno das auto-recriminações. O despudor no desnudamento da própria miserabilidade parece indicar a falta de mediação da ilusão, característica da construção do Ideal do Eu quando constituído de forma mais sólida. A polissemia da palavra, o consolo, a promessa de um amanhã melhor, fracassam, restando apenas a crueza da finitude, da impotência e do desamparo. Quando Freud escreve sobre o acesso a “uma verdade dessa espécie” e para isso precisa adoecer (Freud, 1915, p.279), o que está indicado é que a verdade psicológica reside naquilo que foi perdido. Sabe-se que há um objeto, mas que tipo de objeto é este? Por que esta perda acarreta a “perda relativa” do Eu? Estas passam a ser questões que devem ser respondidas, assim como a de entender por que o Eu se divide, uma parte colocando-se contra a outra.

Assim, voltamos ao ponto abordado anteriormente.

É a luta estabelecida entre as partes do Eu, cindido que resulta em sua ferocidade autopunitiva como resultado da ação de um agente crítico que não conhece a mediação. A dinâmica do deslocamento das auto-acusações revela então que as injúrias aplicadas a si mesmo têm uma ligação estreita com o objeto amado que foi perdido. Daí, o aforismo: “Para eles, queixar-se é dar queixa” (*Ihren Klagen sind Anklagen*).

A análise desta condição permite destacar mais uma diferença entre o luto melancólico e o luto neurótico. Enquanto no luto neurótico a perda objetal, uma vez realizada sua elaboração, resulta em um deslocamento da libido para outro objeto, no luto melancólico, a libido objetal é direcionada para o Eu, estabelecendo uma identificação do Eu com o objeto abandonado (*eine Identifizierung des Ichs mit dem aufgegebenen Objekt*). Nas palavras de Freud:

Assim a sombra do objeto caiu sobre o ego, e este pôde, daí por diante, ser julgado por um agente especial, como se fosse um objeto, o objeto abandonado. Dessa forma, uma perda objetal se transformou numa perda do ego, e o conflito entre o ego e a pessoa amada, numa separação entre a

atividade crítica do ego e o ego enquanto alterado pela identificação (1917/1974, p.283).

Para que o destino seja este, deve haver duas pré-condições: uma forte ligação com o objeto amado, e a pouca resistência de fixação da libido objetal. Estas pré-condições parecem se contradizer, a não ser que seja postulado um tipo de identificação que atenda a essas duas posições da libido. Esta identificação, Freud denomina identificação narcisista com o objeto (*narzisstischen Identifizierung mit dem Objekt*), que substitui o investimento erótico, tornando-se a operação característica das afecções narcísicas: uma regressão (*Regression*) da escolha objetal para o narcisismo original. Assim, a forma narcisista de escolha objetal é tomada como forma típica de escolha objetal na melancolia. Tomando a incorporação como protótipo da identificação, o objeto é tratado nos moldes da oralidade, ou seja, é devorado e destruído, com a mesma violência com que o melancólico expressa suas acusações e lamentos.

O conceito de identificação aqui introduzido leva Freud a rever suas concepções de Eu, que culminam com a formulação de que o Eu é um precipitado de identificações, em "O Eu e o Isso" (1923).

Em "Luto e Melancolia" fica claro que histeria e melancolia se distinguem em função da operação de retirada de investimento do objeto. Na histeria, persistem efeitos da retirada de investimento, enquanto na melancolia esse investimento é completamente abandonado. Freud dá anterioridade à identificação narcísica com relação à identificação histérica, marcando campos diferentes de adoecimento psíquico.

Ainda em 1915, Freud enfatiza a ambivalência para destacar a presença do ódio no trato com o objeto e consigo mesmo. A saída é formular que uma parte da libido que se encontrava investida no objeto "retrocedeu à identificação, mas a outra parte, sob a influência do conflito devido à ambivalência, foi levada de volta à etapa de sadismo que se acha mais próxima do conflito" (Freud, 1917/1974, p.284). Aqui Freud encontra a resposta para as questões relacionadas ao suicídio, feitas anteriormente. Caso trate a si mesmo como um objeto, o melancólico se matará "se for capaz de dirigir contra si mesmo a hostilidade relacionada a um objeto, e que representa a reação original do ego para com os objetos do mundo externo" (Freud, 1917/1974, p.285).

Até aqui examinamos a tendência depressiva da melancolia, mas resta elucidar a mania, que freqüentemente observamos ser alternante com a depressão, o que levou Freud a supor uma circularidade desta afecção, como já havia sido proposto pela Psiquiatria. A primeira indicação sobre a mania, dada no texto de 1917, é que o complexo é o mesmo (*beide Affektionen mit demselben "Komplex"*). A outra indicação se refere a um aspecto econômico: houve um domínio jubiloso do Eu sobre aquilo com que lutava, encontrando-se totalmente desinibido. Assim, escreve Freud:

Na mania, o ego deve ter superado a perda do objeto (ou seu luto pela perda, ou talvez o próprio objeto), e, conseqüentemente, toda a cota de anti-catexia que o penoso sofrimento da melancolia tinha atraído para si vinda do ego e "vinculado" (*gebunden*) se tornará disponível. Além disso, o indivíduo maniaco demonstra claramente sua liberação do objeto que causou seu sofrimento, procurando, como um homem vorazmente faminto (*Heisshungriger*), novas catexias objetais (Freud, 1917/1974, p.288).

Achando imprecisas tais considerações, Freud acrescenta que, economicamente, o Eu é tomado pelas satisfações narcisistas e promove um desligamento com o objeto perdido. As questões seguintes se relacionam ao ponto de vista tópico: "... entre que sistemas psíquicos o trabalho da melancolia se processa..." (Freud, 1917/1974, p.289) e quais os processos mentais que mantêm as conexões com as "libidos objetais inconscientes abandonadas" (Freud, 1917/1974, p.289)? Seria com a libido resultante do processo de identificação no Eu? As respostas estariam relacionadas ao caráter ambivalente do conflito. E mais, situa no sistema Inconsciente a luta entre as duas tendências, a amorosa e a do ódio, em relação às apresentações-coisa dos objetos abandonados pela libido (*die Unbewusste (Ding-) Vorstellung des Objekts Von der Libido verlassen wird*). Dito de outra forma, uma luta inconsciente se desenrola frente às duas tendências libidinais, de ligar-se ou não ao objeto, sendo esta luta sentida conscientemente sob a forma de um conflito entre uma parte do Eu e o agente crítico (*zwischen einem Teil des Ichs und der kritischen Instanz*).

O complexo melancólico é então construído como o resultado de uma perda do objeto, de um conflito que toma por base a ambivalência e a regressão da libido ao Eu (*Verlust des Objekts, Ambivalentz und Regression der Libido ins Ich*). A ambivalência é citada como a força motora do conflito, e a regressão da

libido ao Eu como a única responsável pela possibilidade de identificação encontrada, ou seja, narcísica.

Desta forma, vimos a montagem teórica de um modelo para a melancolia, conjugando a visão econômica do esvaziamento do Eu e os pontos de vista tópico e dinâmico compreendidos na utilização de um mecanismo identificatório do Eu com o objeto perdido, diferentemente da identificação histérica. Escreve Lambotte:

É somente no século XX, com a teoria econômica freudiana do esvaziamento do eu, que poderemos interpretar mais uma vez este “efeito bomba” que afeta o eu como uma libertação condenada ao esgotamento da repetição. Os pontos de vista dinâmico e tópico virão, por outro lado, confirmar este modelo com a identificação do eu ao objeto perdido (1997, p.27).

Após 1915 a teoria da melancolia acompanha todos os desenvolvimentos posteriores e trataremos de expor, a seguir, esses desdobramentos que levaram Freud a propor uma nova nosografia para as afecções psíquicas, separando a melancolia da neurose e da psicose, em 1923/1924, nos textos “Neurose e Psicose” e “A perda da realidade na neurose e na psicose”.